

# QUARUP: UMA EDUCAÇÃO SENTIMENTAL PELO POVO<sup>1</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i29p13-32>

**Horst Rolf Nitschack**  
Universidade do Chile (UChile)

## RESUMO

A década de 1960 não é apenas um período de profundas transformações sociais, técnicas e culturais, mas mudanças decisivas se produzem também no âmbito dos afetos dos sujeitos, seja dos sujeitos coletivos, seja dos individuais. Ao mesmo tempo, esses novos afetos que se formaram, por sua vez, vão influenciar a transformação social e cultural. O romance *Quarup* corresponde, em sua estrutura fundamental, a um romance de formação, apesar de apresentar – conforme a nossa leitura – duas modificações básicas, as quais exatamente correspondem às circunstâncias da década de 1960: o processo de aprendizagem do protagonista não mais se orienta em valores e normas (burgueses) aparentemente objetivos, mas sim na relação afetiva do protagonista com o “povo”. Com isso, contudo, o seu processo de aprendizagem necessariamente se torna ao mesmo tempo em uma experiência de “deseducação”, levando-o ao afastamento e à libertação dos valores e das normas tradicionais. No entanto, o povo enquanto sujeito, no qual essa transformação afetiva busca se orientar, nesta década entra mesmo em uma crise que é encenada no filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, tendo sido muito discutida por Fernando Gabeira, Roberto Schwarz e Caetano Veloso.

## ABSTRACT

*The 1960s is not only a decade of profound social, technical and cultural changes, but also of effects within the scope of the subjects' affections, whether of the collective subjects, or of the individual subjects. At the same time, the shaping of these new affects influences social and cultural transformation. In its fundamental structure, the novel Quarup corresponds to that of a coming on age novel (Bildungsroman), although it presents – according to our reading – two basic modifications, which exactly correspond to the circumstances of the 1960s: the protagonist's learning process is no longer oriented towards apparently objective (bourgeois) values and norms, but rather follows the protagonist's affective relationship with the “people”. This learning process necessarily becomes an experience of “diseducation”, leading the character to the release of traditional values and norms. However, the people as subject, in whom this affective transformation takes place, evinces also a crisis during the period that is staged in Glauber Rocha's film Terra em transe, which has been widely discussed by Fernando Gabeira, Roberto Schwarz and Caetano Veloso.*

## PALAVRAS-CHAVE:

Romance de formação  
[Bildungsroman];  
povo;  
afetos;  
década 1960.

## KEYWORDS

Coming on age novel  
[Bildungsroman];  
people;  
affects;  
1960s.

<sup>1</sup> O artigo faz parte dos resultados do projeto Fondecyt regular 1188230: “Urbanidad, subjetividad y afectos en la literatura brasileña contemporânea”. Foi traduzido do original em alemão por Roberto H. Seidel.

*O romance Quarup, de Antonio Callado, talvez seja o exemplo mais representativo da utopia revolucionária do período, no qual se valorizava acima de tudo a ação organizada das pessoas para mudar a história*

Marcelo Ridenti, “Que história é essa?”

**A** década de 1960 é um período em que ocorrem profundas mudanças em todas as áreas, em todo o mundo. Nas áreas política, econômica, técnica e cultural foram liberadas forças que tanto provocaram mudanças concretas em todos os âmbitos quanto liberaram simultaneamente um potencial utópico. Ambos esses aspectos levaram a reações drásticas por parte das forças tradicionais que se empenhavam em manter sob controle os processos históricos de transformação. Os movimentos de independência política na África (Argélia) e na Ásia (Vietnã) foram combatidos com força militar. Nos Estados Unidos, na França, Itália, Alemanha, Tchecoslováquia e também no México (Tlatelolco) os movimentos das massas, preponderantemente de estudantes e jovens contra a política estatal, foram logo controlados pelos aparatos repressivos desses estados. O potencial crítico-cultural da nova cultura da juventude, sobretudo da cultura musical (festivais de música como o da legendária Woodstock), foi rapidamente absorvido por uma indústria de consumo crescente. As possibilidades de esclarecimento das novidades técnicas na área da comunicação – o rádio com transistores e a TV – foram transformadas, de uma indústria cultural orientada no lucro, em uma cultura de massas afirmativa. Tantas possibilidades, tantas medidas disciplinadoras e controladoras. Mas, mesmo assim, depois da década de 1960, o mundo claramente se transformou em um outro. A modernidade e a modernização não podiam ser detidas, mas lhes foi dada uma fisionomia que nós hoje ainda conhecemos. O capitalismo e as sociedades capitalistas demonstraram uma flexibilidade e uma abertura à inovação, que claramente mostrou estar superada a alternativa histórica que nesses anos ainda vigorava, o socialismo. O pano de fundo da política e do poder, diante do qual se desenrolaram todos os conflitos dessa década e por intermédio do qual arrecadaram sua importância política, foi o da guerra fria, o da constante confrontação entre as duas potências mundiais, a União Soviética e os Estados Unidos, sob o perigo permanente da

irrupção de uma nova guerra mundial com o uso de armas atômicas. No contexto das duas potências mundiais se contrapunham dois modelos econômicos e políticos opostos irreconciliáveis: o socialismo contra o capitalismo. O modelo socialista baseava-se em um desenvolvimento da industrialização controlado e regulado pelo estado e pela política, com base na estatização dos meios de produção e da posse da terra (reforma agrária e desapropriação), com uma economia planificada e uma democratização policiada e dirigida por um partido único que se orientava pela igualdade de todos os seus cidadãos e, de acordo com isso, procurava garantir a ordem social. Em contraposição, o modelo capitalista baseia-se na livre concorrência, cujo sucesso – mas também as suas consequências negativas – nós vivenciamos nas últimas décadas. Esse modelo assenta na liberdade e não na igualdade; conseqüentemente significa economia de mercado livre, sociedade de consumo, internacionalização e globalização.

Naquela década, decidir-se-ia qual viria a ser o caminho para a modernidade e sob quais signos o próximo projeto histórico da modernização viria a ser executado. O iminente triunfo do sistema capitalista a partir dos anos 1970 levou, então, a um crescimento intensivo da economia, apenas regulado pela rentabilidade capitalista; levou a uma modernização técnica acelerada; a uma redistribuição da riqueza; a movimentos migratórios regionais abrangentes, em cujo bojo os fatores “puxa” (*pull*) e “empurra” (*push*) ainda estavam em equilíbrio, de forma que era possível, ao menos no médio prazo, a integração dos migrantes.<sup>2</sup> As consequências foram o crescimento das metrópoles; a redistribuição drástica da população de espaços rurais para espaços urbanos, assim como a transformação dos espaços rurais em urbanos; a tecnologização do cotidiano; a aceleração de todos os processos sociais – anonimato, de um lado, e a constituição de um novo sujeito social, de outro.

Os anos 1960 configuram-se, portanto, como uma época de transformação: os países afetados pela II Guerra Mundial superam a fase do “pós-guerra”; o mercado capitalista e os novos meios tecnológicos aceleram a integração internacional; o aprimoramento da tecnologia aérea encurta os tempos de viagem entre os continentes, mas também entre a América do Sul e a América do Norte; a indústria televisiva invade as salas de estar e os quartos de dormir do mundo assim chamado “subdesenvolvido” com imagens das metrópoles desenvolvidas. Do rádio de pilha portátil ecoa “mundo afora” a mesma música (desse “mundo afora” ainda estão excluídas grandes porções do mundo, sem que isso seja tematizado: “mundo” é aquele que encontrou a sua ligação à eletricidade,

---

<sup>2</sup> É o que distingue as migrações daquela época das da contemporaneidade. Atualmente os fatores “empurra” (*push*) – pobreza, catástrofes, guerras civis, incerteza política – nos países de origem são sensivelmente maiores do que os fatores “puxa” (*pull*) – vagas de emprego, estabilidade política e social – nos países de destino das migrações.

às novas mídias e sua produção, o “resto” se encontra no esquecimento). As demonstrações em massa nos Estados Unidos, na França, Itália e Alemanha aceleram uma “revolução” cultural.

O conflito entre a via capitalista e a socialista se concentrava na pergunta pelo sujeito da história. Ao “estado de trabalhadores e camponeses” da sociedade socialista se contrapunha a pouco visível e difusa comunidade civil de indivíduos livres do mundo ocidental, cujo sujeito de fato é o capital. Dentre todos aqueles que se colocavam de forma crítica contra o “mundo ocidental livre” da maximização dos lucros, encontravam-se poucos, para os quais surgia como desejável um estado de trabalhadores e camponeses, com suas organizações centradas em um partido único, por intermédio do qual a capacidade de decisão e a espontaneidade individuais se tornam impossíveis.<sup>3</sup> Por conta disso, até mesmo o modelo cubano rapidamente perdeu a sua atratividade. Ao modelo chileno, que no início da década de 1970 se transformou mais uma vez na esperança de todos aqueles que simpatizavam com uma sociedade socialista, foi concedido apenas uma curta duração, antes que os militares lhe preparassem um fim violento.

Diante desse dilema, apareceu um outro sujeito, o qual, na representação de artistas e intelectuais, desde os tempos do romantismo, compensava as incertezas e o caráter imponderável da modernidade: o povo. O povo como um sujeito que significava igualdade, comunidade e estabilidade de valores. O povo como berço, contra a alienação cultural, contra o anonimato, contra a internacionalização capitalista. O povo como cerne essencial da nação, como a sua substância.<sup>4</sup> Roberto Schwarz

---

<sup>3</sup> Isso também se demonstra entre os grupos revolucionários do Brasil, bem como a relativamente pequena importância que o PCB teve na resistência contra o governo militar (cf. RIDENTI, Marcelo. “Que história é essa?” e REIS FILHO, Daniel Aarão. “Um passado imprevisível: a construção da memória da esquerda nos anos 60”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão *et alli*. *Versões e ficções: o seqüestro da história*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997, pp. 11-30 (cf. pp. 14 e 21); pp. 31-46 (cf. p. 43). Para uma leitura mais aprofundada, recomenda-se a leitura de REIS FILHO, Daniel Aarão. “Versões e ficções: a luta pela apropriação da memória”. In: *Idem, ibidem*, pp. 101-6.

<sup>4</sup> Em “Sobrevoo entre as artes (à volta das décadas de 1960 de 1970)”, Viviana Bosi distingue três correntes artísticas principais “a partir de meados dos anos 1950”, que “entram em conflito ao longo da década de 1960 e deságuam, já transfiguradas, nos anos 1970” (p. 18): a “constructivista”, a de tendência “engajada” ou “nacional-popular” e a “contracultural” (p. 20). No entanto, ela destaca: “Por vezes, a arte engajada nem sequer provinha do próprio povo que julgava representar e sim de uma tipificação supostamente ‘conscientizadora’, mentada por intelectuais que se enleavam numa contradição: queriam acercar-se da cultura popular para na verdade convertê-la em instrumento ideológico, dela selecionando aspectos potencialmente politizadores” (p. 33). (Ver: BOSI, Viviana. “Sobrevoo entre as artes (à volta das décadas de 1960 de 1970)”. In: BOSI, Viviana; NUERNBERGER, Renan. *Neste Instante. Novos olhares sobre a poesia brasileira dos anos 1970*. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2018, pp. 11-62).

observa, de forma um tanto irônica, em seu artigo “Nunca fomos tão engajados”<sup>5</sup>:

Outra fase de engajamento intenso foram os anos de 1962 a 64, em que os impasses da política populista empurraram a Presidência da República a estimular a reivindicação popular como forma de pressionar os adversários. Partes da intelectualidade mais desperta, em especial os estudantes, começaram uma verdadeira “ida ao povo” e tomaram o partido da reforma social profunda, fora dos planos governamentais. [...] As novas alianças e simpatias de classe operavam transfusões também novas de forma e conteúdo: a cultura do cinéfilo dava de encontro com o movimento camponês, o estudante educado no verso modernista se arriscava na música popular etc.<sup>6</sup>

Em todos os casos, esse “povo” também não irá sair incólume das transformações da modernização, ou seja, dito de maneira mais precisa: por intermédio das transformações da modernização, quanto mais aqueles que viam no “povo” uma panaceia entraram em contato, seja com a população rural, seja com os habitantes das periferias pobres urbanas — ambos sendo o substrato do povo —, tanto mais o mito do povo foi sendo destruído.

Nesse aparte, há uma cena em *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha, que pode servir de chave, sendo como tal interpretada, de maneiras bastante distintas, por Roberto Schwarz, por Fernando Gabeira e por Caetano Veloso — por três intelectuais e artistas que estavam envolvidos de forma muito direta nas transformações sociais daquela década.

Caetano descreve, em *Verdade tropical*<sup>7</sup>, a cena que segue:

durante uma manifestação popular — um comício — o poeta, que está entre os que discursam, chama para perto de si um dos que o ouvem, operário sindicalizado, e, para mostrar quão despreparado ele está para lutar por seus direitos, tapa-lhe violentamente a boca com a mão, gritando para os demais assistentes [...]: “Isto é o Povo! Um imbecil, um analfabeto, um despolitizado!”<sup>8</sup>

Trata-se de uma cena brutal, mas sobretudo é também uma cena muito emocionante, que desperta uma reação afetiva no poeta, a qual, por

<sup>5</sup> SCHWARZ, Roberto. “Nunca fomos tão engajados”. In: *Idem, Sequências*. São Paulo: Companhia das letras, 1999, pp. 173-4.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, pp. 172-7.

<sup>7</sup> VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das letras, 2008 (a primeira edição foi publicada em 1997).

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p.100.

sua vez, assusta o público e provoca a discussão sobre sua razão de ser, mas também sobre sua causa. As expectativas do intelectual de esquerda no povo, de que, por meio de sua ação política, esse povo se tornasse o sujeito da história, não são preenchidas. Quanto a isso, a sua decepção provoca-o a essa reação emocional.

Já com relação à cena final do filme *Terra em transe*, a personagem principal acaba desfalecendo completamente sozinho, com a arma na mão, sob a amplidão do céu, ao som de fundo das sirenes dos carros da polícia. O povo ainda a poucos minutos estava sendo exibido aplaudindo o populista Felipe Vieira, este que no momento seguinte se rende aos novos donos do poder (a ditadura militar).

Fernando Gabeira interpreta, em *O que é isso, companheiro?* (1979)<sup>9</sup>, o conflito entre o intelectual e o povo, em *Terra em transe*, de Glauber Rocha, como a representação da questão, de como o povo pode tomar o poder e de qual papel compete ao intelectual neste contexto:

O caminho da tomada do poder é ou não é pacífico? [...] Lembrome do debate sobre o filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha. [...] tive ousadia de me opor às teses do filme [...] havia duas coisas no filme que era preciso combater [contra o público entusiasta HN], achava eu. O filme tinha uma concepção muito depreciativa do povo brasileiro e acabava com uma solução elitista, de quem não acredita mesmo na ação organizada das massas: o ator principal, Jardel Filho (o poeta Paulo Martins), saía com sua metralhadora dando tiros a esmo, simbolizando desta forma uma revolta quase pessoal e desesperada. Para mim essas duas coisas se harmonizaram. [HN: ou seja, o despreço pelo povo e a decisão a favor da ação individual, anarquista]. Dentro mesmo do filme havia uma personagem, Sara, que propunha algo diferente: o trabalho paciente e cotidiano de organização para solucionar os problemas daquele País hipotético [Eldorado, HN] que todos nós sabíamos ser o Brasil.<sup>10</sup>

Naquele momento (1967), Gabeira, em sua crítica ao filme de Glauber Rocha, ainda está bem convencido da possibilidade da “lenta e organizada ação da massa”<sup>11</sup>, por intermédio da qual o povo se torna sujeito de sua história. Algum tempo depois, ele mesmo terá suas dúvidas quanto a essa possibilidade e vai se juntar ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) (8 de outubro é uma referência ao dia da morte de Che Guevara). As massas populares servirão, a partir de então, apenas ainda como massa amorfa, na qual os guerrilheiros submergem para fugir da

<sup>9</sup> GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980, 18ª edição (a primeira edição foi publicada em 1979).

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 32-3.

<sup>11</sup> *Id., ib.,* p. 33

perseguição dos militares. É isso o que acontece de forma bem concreta no caso da libertação do embaixador norte-americano Elbrick, que havia sido sequestrado pelo Movimento: os guerrilheiros se aproveitam do final de um jogo de futebol no Rio de Janeiro para libertá-lo no meio da densa multidão e eles mesmos sumirem no meio dela.

O caminho para a clandestinidade e a luta armada apela para o povo com a exigência radical por um “povo armado”, contra uma exigência mais ponderada de um “povo organizado”<sup>12</sup>; em ambos os casos, no entanto, o povo somente é objeto da revolução, de uma elite revolucionária autoritária, não sujeito de sua própria libertação. “Povo” é a projeção de tudo aquilo de que se acha que tenha sido perdido pela transformação radical do presente: comunitarismo e solidariedade, ordem harmônica, a sintonia com a natureza e as suas paisagens, o trabalho não-alienado do pescador e do pastor. Ao mesmo tempo, trata-se do horizonte daquilo que deve surgir no lugar de uma sociedade dominada por interesses capitalistas internacionais e por tecnologias desumanizadoras: uma sociedade socialista da igualdade, da liberdade individual e da autorrealização. Povo é o horizonte de todas as projeções dos desejos produtivos (Deleuze/Guattari), o espaço de todos os afetos construtivos.

Esse desenvolvimento demonstra que: quanto mais o povo for cobrado como sujeito de forma duradoura e ideológica, tanto mais distantes do povo real estão aqueles que representam essas ideologias.

Roberto Schwarz, em sua análise dos anos 1960, em “Cultura e política, 1964-1969”<sup>13</sup>, também faz referência ao filme de Glauber Rocha, *Terra em transe*. Ele aborda a crítica que Glauber Rocha faz ao populismo e à glorificação do povo, crítica essa que se abstém de distinguir entre grupos que são muito distintos do ponto de vista social, político e cultural.

No plano ideológico, resultava uma noção de “povo” apologética e sentimentalizável, que abarcava indistintamente as massas trabalhadoras, o lumpeninato, a *intelligentzia*, os magnatas nacionais e o exército. O símbolo desta salada está nas grandes festas de então, registradas por Glauber Rocha em *Terra em transe*, onde fraternizavam as mulheres do grande capital, o samba, o grande capital ele mesmo, a diplomacia dos países socialistas, os militares progressistas, católicos e padres de esquerda, intelectuais do Partido, poetas torrenciais, patriotas em geral, uns em traje de rigor, outros em *blue jeans*.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> *Id., ib.*, p. 72.

<sup>13</sup> SCHWARZ, Roberto. “Cultura e política, 1964-1969”. In: \_\_\_\_\_. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978, pp. 70-111.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p. 76.

Trata-se de uma crítica a um populismo que não quer admitir, em que medida este “povo” se tornou alienado ele mesmo por intermédio de uma política e uma prática do colonialismo dos últimos séculos. Em consequência, “O artista precisava atualizar suas noções de ‘nacional’ e de ‘popular’. A música da Tropicália, o teatro, a poesia, as artes plásticas, estavam sensíveis a este Brasil em mutação, propondo-se a adentrar criticamente a nova realidade: ‘consumir o consumo’”.<sup>15</sup>

Com a Tropicália, Caetano Veloso trilhou naqueles anos um caminho de resistência bem diferente, o qual também o levou a que fosse preso pela ditadura militar e, na sequência, ao exílio. Igualmente ele vai comentar a cena, à qual Fernando Gabeira já tinha se referido: “Vivi essa cena – [...] – como o núcleo de um grande acontecimento [...]: a morte do populismo. Sem dúvida, os demagogos populistas eram suntuosamente ridicularizados no filme”.<sup>16</sup>

Caetano constata que Glauber Rocha põe em cena a morte do populismo e, nesse sentido, se mostra em concordância com o filme, mas critica que, ao mesmo tempo,

[...] era a própria fé nas forças populares – e o próprio respeito que os melhores sentiam pelos homens do povo – o que aqui era descartado como arma política ou valor ético em si. Essa hecatombe, eu estava preparado para enfrentá-la. E excitado para examinar-lhe os fenômenos íntimos e entrever-lhe as consequências. Nada de que veio a se chamar de “tropicalismo” teria tido lugar sem esse momento traumático.<sup>17</sup>

Caetano está assim decidido a manter a crença no potencial revolucionário do povo, o que, no final das contas, vai protegê-lo de um terrorismo revolucionário, cujo caminho Gabeira – se bem que por pouco tempo – vai trilhar. Em todo caso, essa força “natural” da resistência no povo faz com que uma organização revolucionária – enquanto partido ou enquanto sindicato, sempre sob a direção de intelectuais revolucionários – se torne supérflua.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> BOSI, Viviana; NUERNBERGER, Renan. *Op. cit.*, p. 41.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p. 100.

<sup>17</sup> *Id., ib., ib.*

<sup>18</sup> Uma visada na discussão cubana desses anos é esclarecedora, já que ela servia de guia para muitos intelectuais latino-americanos desses anos. Refiro-me aqui à tese de doutorado de Matías Marambio “Comunidad en la polémica. Debates en la crítica cultural latinoamericana durante los años sesenta: prácticas intelectuales, conceptos y estrategias retóricas” (Cf. MARAMBIO, Matías. *Comunidad en la polémica. Debates en la crítica cultural latinoamericana durante los años sesenta: prácticas intelectuales, conceptos y estrategias retóricas*. Tesis de doctorado, Universidad de Chile, 2019 – ainda não publicada). Todas as citações são retiradas desse trabalho. Assim se lê no número 36/37 de *Casa de las Américas*: “No existe un nivel cultural homogéneo, que pueda ser cubierto por la palabra pueblo [...] ¿hacia qué etapa de su desarrollo debíamos dirigirnos? ¿Hacia el nivel cultural en que [fue] dejado por la burguesía, o hacia el nivel hacia el que lo estaba



A mistificação política do povo, por parte dos intelectuais, teve o seu ponto máximo no início dos anos 1960, para então ruir em um curto espaço de tempo, ainda durante esta mesma década (ver também Sússekind<sup>19</sup> e Bosì). O único lugar em que o povo ainda vai ter reconhecimento inquestionável como sujeito é na Música Popular Brasileira (MPB). Ainda que não apareça como sujeito da emancipação política, é na MPB que ele permanece como garantia de uma autêntica cultura brasileira, o que certamente favoreceu para que a MPB se transformasse em um tipo de música de entretenimento de sucesso mundial. A Tropicália de Caetano Veloso será aqui um tanto mais radical e vai ousar um sincretismo de elementos da cultura popular brasileira com elementos da música pop e do jazz, assim como também vai utilizar textos que deixam para trás o “interior” brasileiro, de forma que vai, com isso, contribuir para uma reconstrução consciente da cultura popular. É o caso da conhecida “Soy loco por ti América” (Gilberto Gil e Caetano Veloso, 1968), uma canção em que se misturam português e espanhol, com a referência à morte de Che Guevara, o qual é identificado com o povo, e com a alusão à morte nos braços de uma camponesa, uma guerrilheira ou um manequim. Trata-se de uma canção em que a revolução ainda consta intacta no programa. (Caso se vá assistir uma gravação de 1986, em que Chico Buarque e Caetano Veloso cantam juntos a canção, ver-se-á que, na estética desta encenação, não resta mais nenhum vestígio daquele espírito revolucionário<sup>20</sup>).

Encarada a partir de uma distância temporal, fica evidente o quanto essa década estava carregada de emotividade por sentimentos que insistiam em uma modificação radical do existente. Os atos e as ações políticas eram motivados emocionalmente ou, ao menos, sempre prenhes de emoções, embora o julgamento emocional jamais tenha sido tomado como argumento. A necessidade e a justificativa da luta contra o “imperialismo americano”, da luta pela libertação do próprio povo, assim como a luta por direitos — tudo isso sempre foi fundamentado por argumentos racionais. Era a “necessidade objetiva” que assim o exigia. Emoções apenas eram aceitas enquanto causa de uma avaliação racional e

---

elevando la Revolución?” (Otero, p. 205). Retamar constata: “Vivir en un país subdesarrollado quiere decir vivir en un país que es [...] saqueado, cuya población es semianalfabeta, a menudo con escasa confianza en sus valores, complejo de inferioridad y fascinación consecuente por otras formas de existencia” (*Casa* 40, p. 16). — Estas posições obviamente debilitam o povo como sujeito revolucionário. O povo não é um sujeito revolucionário — mas como todos —, interpretamos assim o romance *Quarup*, o povo pode, por suas próprias experiências, transformar-se neste sujeito.

<sup>19</sup> SÜSSEKIND, Flora. “Coro, contrários, massa: a experiência tropicalista e o Brasil de fins dos anos 60. In: BASUALDO, Carlos (org.). *Tropicália: uma revolução na cultura brasileira* (1967-1972). São Paulo: Cosac naify, 2007, pp. 31-56.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=22hVo-mhwQk>>.

de um julgamento da situação, mas não enquanto razão de um agir político legítimo. Gabeira cita as argumentações daqueles tempos, da forma como eram divulgadas nos panfletos: “o capitalismo está numa crise agonizante e o socialismo avança em todo o mundo”<sup>21</sup>; ou ainda: “a realidade mais uma vez comprovou o acerto de nossas análises”.<sup>22</sup>

Isso, contudo, não significa que provocar emoções não fosse também considerado como fazendo parte da estratégia revolucionária. A declaração do movimento MR-8, por ocasião do sequestro do embaixador do Estados Unidos, em setembro de 1969, no Rio de Janeiro, o torna evidente:

Com o rapto do embaixador, queremos mostrar que é possível vencer a ditadura e a exploração, se nos armarmos e nos organizarmos. Apareceremos onde o inimigo menos nos espera e desapareceremos em seguida, desgastando a ditadura, levando *o terror e o medo* para os exploradores, *a esperança e a certeza da vitória* para o meio dos explorados (Declaração do grupo MR-8. Disponível na Wikipedia – grifos meus).

O sujeito oprimido – o povo, as massas – deveria despertar e assumir seu papel histórico de sujeito revolucionário, como resultado de um processo de conscientização e da luta armada. Contudo, essas massas, conforme Fernando Gabeira, “[...] estão coladas no seu radinho de pilha, ouvindo os gritos do locutor, estão presas à televisão assistindo a uma partida decisiva”.<sup>23</sup> A consequência necessária dos grupos mais radicais era a convicção de que, para esta revolução, não seriam necessários nem o povo, nem as massas: “Nesse momento da revolução, não precisamos das massas”.<sup>24</sup> “A guerrilha urbana conquistaria armas e dinheiro para a montagem da guerrilha rural. A guerrilha rural despertaria os camponeses, que despertariam os operários, que despertariam o povo em geral” (p. 95).

A situação objetiva obrigava à ação e legitimava a ação – não a simpatia, a compaixão, a raiva ou o ódio, apesar de que as demonstrações massivas de solidariedade ou de resistência, também as reações violentas das autoridades do estado, assim como os festivais de música e as novas formas de vida em comunidade estivessem permeadas por emoções e sensações intensas (“*Soy loco por ti, América*”). Tais emoções e sensações eram o resultado de afetos e, ao mesmo tempo, a causa para novos afetos. Esses afetos eram provocados por novos espaços urbanos e suas dinâmicas, por diversos choques de uma modernidade ainda nova, ainda

---

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 102.

<sup>22</sup> *Id., ib., ib.*

<sup>23</sup> *Id., ib., ib.*

<sup>24</sup> *Id., ib., ib.*

não transformada em hábito: os novos ritmos dos meios de transporte, a democratização do carro, a mudança célere de um lugar para outro, a multiplicidade de conhecidos e amigos, sua volatilidade, mas também sua intensidade. A transformação acelerada da sociedade brasileira desde a segunda metade da década de 1950, cujo símbolo monumental é a cidade de Brasília, a nova capital desde 1960, expõe a todos aqueles que são atingidos por essa mudança a um turbilhão de afetos, que antes tem que ser novamente reordenado. O protagonista de *Quarup*<sup>25</sup>, de Antonio Callado – Nando –, e a sua transformação de monge em guerrilheiro, é um exemplo drástico para os efeitos desses afetos múltiplos, que surgem imprevisíveis e incontroláveis para o indivíduo, que agora precisa processá-los emocionalmente.

O “giro afetivo”, que toma lugar desde a última década do século XX, também se torna o ensejo de agora revisitar a década de 1960 com um novo olhar. Provavelmente a consequência mais importante desse giro seja que ele consiste em que essas realidades psicofísicas – tradicionalmente colocadas do lado da irracionalidade e, desse modo, menosprezadas em sua importância na composição da sociabilidade – estejam sendo encaradas como forças decisivas nos processos sociais, políticos e culturais. E mais: descobre-se a sua potencialidade para constituir laços sociais criativos (é neste contexto que M. Hardt fala de “trabalho afetivo”<sup>26</sup>).

Contudo, a relação entre estes quatro conceitos – a saber, afetos, sensações, emoções e sentimentos – é complexa e controvertida: alguns críticos preferem separá-los (como, por exemplo, Gilles Deleuze), enquanto que outros tendem a misturá-los ou tomá-los como sinônimos. De toda forma, o conceito de “afetos” e o adjetivo “afetivo”, em tais propostas teóricas, não possui o sentido de “amável”, nem se refere a emoções “afetivas”, no sentido estrito de “terno”, “amoroso”, “caloroso”. A teoria dos afetos, em suas duas grandes linhas atuais – no pensamento filosófico representado principalmente por Gilles Deleuze<sup>27</sup> e na teoria política associada ao nome de Michael Hardt (mais conhecido pela obra *O império*, publicada com Antonio Negri, em 2000) –, retoma o conceito de afetos provindo do barroco e dos aportes filosóficos na *Ética* de Spinoza. Cito Michael Hardt<sup>28</sup>:

<sup>25</sup> Para esta análise foi utilizada a edição: CALLADO, Antônio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984, 12ª edição.

<sup>26</sup> Sobre Hardt ver: HARDT, Michael. “Affective Labor”. Source: *Boundary 2*, Vol. 26, n. 2 (Summer, 1999), pp. 89-100.

<sup>27</sup> Sobre Deleuze ver: DELEUZE, Gilles. “Ética. Afección, afecto y esencia. Sexta clase de ‘En medio de Spinoza’ por Gilles Deleuze”, 2009.

Disponível em: <[<sup>28</sup> \*Apud\* TICINETO CLOUGH, Patricia; HALLEY, Jean \(eds.\). \*The Affective Turn: Theorizing the Social\*. Durham: Duke University Press, 2007.](https://baruchspinoza.wordpress.com/2009/07/07/las-cartas-del-mal-quinta-clase-de-%E2%80%99Cen-medio-de-spinoza%E2%80%9D-por-gilles-deleuze-2>.”>https://baruchspinoza.wordpress.com/2009/07/07/las-cartas-del-mal-quinta-clase-de-%E2%80%99Cen-medio-de-spinoza%E2%80%9D-por-gilles-deleuze-2>.”></a></p>
</div>
<div data-bbox=)

One of the central challenges for research posed by this Spinozian perspective of the affects, then, resides in the fact the affects straddle these two divides: between the mind and the body, and between actions and passions. The affects pose a problematic correspondence across each of the divides: between the mind's power to think and the body's power to act, and the power to act and the power to be affected<sup>29</sup>

Em outras palavras: “Afetos fazem uma ponte entre os dois extremos, entre duas realidades opostas: espírito (mente) e corpo, ação e paixão; entre o poder do espírito (da mente) para pensar e o poder do corpo para atuar, e o poder de atuar/agir e o poder de ser afetado”.

A pretensão da teoria dos afetos de se situar no centro do debate antropológico e cultural contemporâneo é também expressa pelos editores da obra *Affect Theory and Early Modern Texts*<sup>30</sup>, Amanda Bailey e Mario Di Gangi:

In the past decade, new approaches to embodiment, power, and materialism have transformed our understanding of the relation between subjects and objects, agency and causation, the individual and the collective, and the somatic and the social<sup>31</sup>

Afetos, portanto, não como algo secundário, ou ainda como emoções prejudiciais à luta política e à luta por transformações sociais, mas afetos como uma força social produtiva nas duas dimensões que lhes são características, segundo Spinoza e Deleuze: como forças de composição e decomposição. Eles podem resultar nas emoções de medo, ódio, raiva, mas também podem provocar as emoções de alegria, felicidade, amor.

Se os afetos, as sensações e as emoções por muito tempo não foram tematizados nos estudos teóricos, isso não significa que foram completamente deixados de lado. A mídia literatura: romances, memórias, autobiografias, mas também textos de testemunho, se demonstram como

---

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, p. X-XI.

<sup>30</sup> BAILEY, Amanda; DIGANGI, Mario. (eds). *Affect Theory and Early Modern Texts. Politics, Ecologies, and Form*. New York: Palgrave Macmillan, 2017. De maneira muito parecida argumentam Gregg, Melisa e Seighworth, Gregory em *The affect theory reader*. Durham: Duke University Press, 2010: ““Affect, at its most anthropomorphic, is the name we give to those forces [...] that can serve to drive us toward movement, toward thought and extension, that can likewise suspend us (as if in neutral) across a barely registering accretion of force-relations, or that can even leave us overwhelmed by the world's apparent intractability. Indeed, affect is persistent proof of a body's never less than ongoing immersion in and among the world's obstinacies and rhythms, its refusals as much as its invitations.” (p. 1) - Cf. GREGG, Melisa; SEIGHWORTH, Gregory. *The affect theory reader*. Durham: Duke University Press, 2010.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem.*, p. 1.

sendo o meio privilegiado para representar e analisar o impacto das experiências afetivas nas disputas e nos conflitos políticos.

O romance de Antonio Callado deve ser lido como uma pré-história para essa mudança na esperança depositada no povo na década de 1960, que nós aqui delineamos com base na recepção e na discussão do filme *Terra em transe* e dos comentários auto-críticos de Fernando Gabeira, em *O que é isso, companheiro?*. A experiência de formação vivida por Nando, que é simultaneamente uma aprendizagem da ação política e da aceitação da violência política, é sobretudo o resultado de suas experiências emocionais e sentimentais. O diálogo que fecha o romance, entre Manuel e Nando no caminho para o sertão para se alistarem à guerrilha, não deixa dúvidas quanto a isso. Nando responde à pergunta de Manuel, sobre o fato de ter recebido uma carta de sua amada Francisca:

- Tinha, Manuel. Mas não é mais preciso. Sabe o que é que eu descobri?
- Diga, seu Nando.
- Que Francisca é apenas o centro de Francisca<sup>32</sup>

Sua luta para ganhar a mulher de sua vida se transformou inteiramente na luta política.

Antonio Callado escreve o romance *Quarup* durante os primeiros anos da ditadura militar brasileira (1964-1985). O enredo do romance termina em 1964 com o golpe militar. O romance é publicado em 1967, ainda durante a primeira fase da ditadura militar, que endurece drasticamente a partir do final de 1968, com o Ato Institucional número 5 (AI-5). A estrutura do romance poderia corresponder à de um romance de formação clássico, no qual indivíduo e sociedade estão em uma tensão conflituosa, mas que ao cabo não é trágica, ou seja, não surge como irreconciliável. A pressuposição, para fazer com que uma tal estrutura seja possível e, do ponto de vista da narrativa, verossímil, é uma compreensão hegeliana da história, com uma relação dialética entre os dois polos extremos indivíduo-sociedade: o indivíduo em sua particularidade representa a totalidade da sociedade, suas contradições históricas, econômicas e culturais. As experiências subjetivas do indivíduo refletem a realidade objetiva da sociedade. O protagonista do enredo literário transforma-se em herói na medida em que seus conflitos são determinados, não por uma contingência pessoal, mas pela realidade social objetiva. Conforme o dito hegeliano, é o indivíduo quem retira para o espírito do mundo as castanhas do fogo.

Após uma primeira leitura, o leitor poderia ter a impressão de que o romance confirma essa estrutura. De fato, ele parece se desenrolar em um

---

<sup>32</sup> CALLADO, Antônio. *Op. cit.*, p. 600.

movimento dialético, ou melhor, a experiência educacional de Nando explicita um desenvolvimento dialético: a vida monástica de Nando e suas ambições messiânico-missionárias no início; a negação dessas ilusões por meio do contato com as distintas realidades brasileiras e a sua adequação a essas realidades; e, ao final, a negação da negação, a “suspensão” (*Aufhebung*) que se manifesta na sua decisão de assumir a luta revolucionária. Aqui a realidade concreta, mas limitada, vai ser superada por meio da intervenção revolucionária efetiva. Com essa decisão, as ideias messiânico-missionárias da sua primeira fase são suspensas e transformadas para um nível completamente novo, o qual revoluciona a história real.

Essa estrutura fundamental do romance, na qual a apropriação de uma compreensão hegeliana da história pode ser descoberta, é cruzada por uma história (ficcional) concreta de todas as pessoas, história essa em que nós não podemos encontrar uma estrutura dialética. Nesse nível, as experiências concretas das personagens são determinadas por um outro campo de forças. Não pelas necessidades históricas, essas sempre surgem de fora para dentro de suas histórias individuais, certamente que de forma decisiva, mas elas não as fundamentam. As forças que determinam os destinos dessas pessoas são determinadas pelos afetos, aos quais elas em certa medida estão entregues. Com e contra estes afetos elas constroem a sua individualidade. Por intermédio desses afetos é que elas estão enredadas em uma rede rizomática de eventos e ações, e, ao mesmo tempo, se movem dentro dessa rede, estando em dependência das condições concretas, mas também como atores em meio a estas condições, enquanto vítimas ou enquanto perpetradores. Elas são sujeitos na dupla significação do conceito: elas estão subordinadas a seus afetos, mas estes mesmos afetos simultaneamente lhes dão a possibilidade e a energia de se tornarem sujeitos de sua própria história. Compreender esses movimentos nos permite entender o acima já referido “giro afetivo”. Não é possível descrever as personagens desse romance, sobretudo as personagens principais Nando e Francisca, como tipos, no sentido de Lukács. Enquanto tipos, estariam muito pouco determinadas por seu ambiente social e histórico no romance e esse ambiente, além disso, é muito pouco representativo para o desenvolvimento geral do Brasil das décadas de 1950 e 1960. Elas não são representadas como corporificação do geral. Do ponto de vista histórico e social, Nando é definido de maneira bastante vaga – ele certamente provém da classe menos favorecida, provavelmente do campo. No romance, contudo, não ficamos sabendo nada acerca disso. O mesmo vale para Francisca, ela provém de uma família abastada. Seu pai é proprietário de uma fábrica de ladrilhos e azulejos.<sup>33</sup> No final do

---

<sup>33</sup> *Id., ib.,* p. 46.

romance, quando os pais percebem o tamanho do perigo a que a filha está exposta, eles sem problemas financiam-lhe uma estadia na Europa, para fugir da ameaça. Não é a origem social o que determina a ação das pessoas, nem no caso de Nando, nem no de Francisca — o mesmo vale para todas as demais personagens do romance —, é o desejo delas, são as emoções delas, por meio das quais a ação delas é determinada. Em todos os casos, esse desejo e essas emoções não são o resultado de sua subjetividade, mas são o resultado de afetos que são estimulados, de diferentes maneiras, pelos eventos e pelas condições concretas que, por sua vez, não se “refletem” dentro delas. Estes são processados nos afetos, simultaneamente transformados em vida, na vida dessas pessoas. Em comparação com o romance realista tradicional, ocorre uma inversão: o Brasil desse romance não é a tradução ficcional de discursos históricos, sociológicos ou até mesmo nacionalistas, por intermédio dos quais a “realidade” desse país fosse definida. O Brasil desse romance é constituído pelas experiências, expectativas, ações concretas ou ainda pela incapacidade de ação das personagens. Elas não são o resultado de uma “história brasileira”, mas são o resultado de sua história concreta e é a partir deste ponto de vista que olham para a história do Brasil, a qual, com seus representantes e suas representações oficiais, está em tensão e contradição com a sua própria história, desta que é definida pelos seus próprios afetos. É isso que concede a esses personagens a sua liberdade de ação.

A história real do Brasil está presente no romance por intermédio de três momentos decisivos, os quais são significativos para o destino das pessoas, especialmente para Nando, mas não são a causa das transformações delas. Essas transformações são provocadas pelos três acontecimentos decisivos, mas não são determinadas em seu conteúdo por eles.

A primeira transformação é marcada pelo suicídio do presidente Getúlio Vargas (em 1954), que coincide com a festa do Quarup no Alto-Xingu, na qual o presidente estava sendo esperado como convidado de honra.

O segundo ponto decisivo — igualmente um ponto significativo na política brasileira — é a inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros no ano de 1961. Com isso, chega ao poder o vice-presidente João Goulart, cuja política decisiva de esquerda (reforma agrária, estatização, controle das empresas estrangeiras) levou ao golpe militar em 1964 — esta a última virada histórica do romance. Por meio desses eventos são marcadas as etapas do processo de formação de Nando. Tais eventos o guiam, desde o momento em que é monge, passando por missionário no Xingu (em 1954), até chegar a funcionário do Serviço de Proteção ao Índio (a partir de 1967 chamado de Funai) e integrante da expedição ao centro geográfico do Brasil (em 1961), para então, de volta ao Nordeste, durante a gestão do governador socialista de Pernambuco, Miguel Arraes, fundar um coletivo

anarquista de liberação sexual (até 1964) e, ao final, se alistar na resistência armada contra a ditadura militar no Sertão.

Nesse percurso, é encenado para o leitor um processo de aprendizagem detalhado, processo esse que leva Nando a entender, desde as suas ideias messiânicas, passando pelas etapas que acabamos de referir, que violência apenas pode ser combatida com violência. Esse processo de aprendizagem ocorre em dois âmbitos extremamente distintos, os quais ao final acabam por coincidir ou por se fundirem um no outro: de um lado, no campo da aspiração social, pelo desejo por comunidade, pela procura pelo “povo”; e, por outro, no campo do desejo individual, da sexualidade. A dependência recíproca entre o desejo sexual e a ação social perpassa todo o enredo do romance, não só na personagem de Nando, mas também na da configuração de todas as demais personagens.

Já no primeiro dos sete capítulos, intitulado “O ossuário”, o tema que guia a narrativa — o *leitmotiv* — é, dentre constelações bem diversificadas, a tensão e a contradição entre o desejo sexual individual, por meio do qual a coletividade é questionada, e o desejo simultâneo pela comunidade. É o que ocorre no caso de Nando: sua decisão de se dedicar à missão da população indígena do Xingu, ainda quase que completamente sem ter tido contato com a civilização, é por ele (Nando) reiteradamente adiada, até que seu superior, D. Anselmo, lhe dá um ultimato. É o que ficamos sabendo a partir de uma conversa de Nando com Winifred, uma jornalista inglesa<sup>34</sup> que, junto com seu marido, está preparando um livro sobre o Brasil: a razão de Nando protelar a sua viagem é o medo de perder o controle da sua própria sexualidade diante da nudez dos índios. Winifred, uma mulher europeia esclarecida e sexualmente emancipada, vai seduzi-lo para tirar dele o seu medo sexual. A estadia de Nando no Rio de Janeiro, para os preparativos de sua viagem à reserva indígena, vai contribuir mais um tanto para livrá-lo de seus medos sexuais. Desse modo, o seu pré-requisito individual para se dedicar a seu projeto missionário está preenchido: a fundação de um novo estado indígena segundo o modelo das “missões”, das reduções indígenas dos séculos XVII e XVIII na área que hoje é parte do Paraguai, do norte da Argentina e do sul do Brasil.

No decorrer do romance, essa constelação plena de tensão entre um anseio pessoal (o da sexualidade) e um anseio social (o desejo por uma comunidade ideal) vai se repetir reiteradamente para Nando, em correspondência a seu desenvolvimento ideológico e pessoal. A fundação de um estado indígena vai fracassar diante das condições e circunstâncias da realidade concreta e o projeto vai rapidamente após sua chegada se mostrar como uma utopia ilusória. Ao mesmo tempo, as eventuais

---

<sup>34</sup> *Id., ib.,* p. 18.



aventuras sexuais com diferentes mulheres em sua volta (mas nunca com índias) não vai de fato preencher o seu anseio.

Vários anos depois (em 1961) ele vai participar, junto com Francisca, da expedição ao centro geográfico do Brasil. Ela tinha sido engajada como documentarista, completamente por acaso por Ramiro, o organizador da expedição. Nesta expedição, uma ilusão vai abater definitivamente Nando e, ao mesmo tempo, uma nova ilusão vai ser alimentada: a ideia de encontrar um centro do Brasil intacto, ainda virgem de civilização e pleno de energias naturais. Os carregadores indígenas que os acompanhavam, em sua maioria morrem no caminho, por conta de alguma das muitas doenças introduzidas, contra as quais o seu sistema imunológico estava indefeso. O centro geográfico mesmo vai se demonstrar um imenso cupinzeiro, em cima do qual Fontoura, o único membro da expedição que realmente defendeu as culturas indígenas, vai encontrar a morte. Simultaneamente, contudo, a expedição é para Nando a realização de seu amor – também no sentido sensual – por Francisca. Felicidade subjetiva e realidade objetiva colidem com toda energia e mostram-se inconciliáveis.

Depois da desilusão da expedição, Nando e Francisca retornam ao Nordeste. No contexto do legado de Levindo, Francisca vai se dedicar ao projeto da alfabetização política das populações do campo; Nando, depois que ele é dolorosamente forçado a aceitar que Francisca não consegue corresponder ao desejo dele por uma felicidade individual em meio à infelicidade e exploração social generalizada, vai se dedicar a um novo projeto: vai viver uma sexualidade liberada em uma nova sociedade livre de base anarquista. Junto com prostitutas, mendigos e pescadores pobres – os “lumpen” urbanos – eles vivem uma “comunidade” aberta de amor ao próximo, de ajuda mútua e de amor livre. Esse projeto vai ser permitido, de forma compulsória, pela sociedade estabelecida da cidade do Recife, durante o período em que o governador socialista Miguel Arraes está no poder. Com a chegada ao poder da ditadura militar, vai surgir uma revolta da burguesia moralista contra essa comunidade. Nando é preso, torturado e vivencia agora no próprio corpo a violência política e as suas práticas.

Vai ser salvo por Hosana, seu antigo confrade no mosteiro e o assassino do abade Anselmo. Nesse meio tempo, ele foi solto da prisão, casou com sua prima e cultivava hortaliças no antigo jardim do mosteiro, as quais vende no mercado público. Nenhuma existência revolucionária, trata-se tão somente, segundo a sabedoria de vida de Candide, de um “*cultiver son jardin*”, para sobreviver na paz privada.

Com isso inicia a última fase formativa de Nando, que vai terminar como expresso no romance: “Sua deseducação estava completa”.<sup>35</sup> Essa “deseducação” leva-o a sua última descoberta, de que contra a violência

---

<sup>35</sup> *Id., ib.*, p. 599.

apenas a violência ajuda e de que, no lugar de seu amor individual por Francisca, entra a sua identificação com o povo, com o povo concreto do interior do Brasil.

Esse entrecruzamento contraditório e cheio de conflitos, da paixão individual e da identificação (problemática) com uma comunidade almejada é retomado, ao longo do enredo do romance, sob diferentes variações, em várias constelações de casais, que eu gostaria aqui de apenas esboçar brevemente:

Levindo – Francisca: neste caso, a sexualidade é completamente sacrificada em prol do projeto da revolução. O radicalismo revolucionário de Levindo, em favor da libertação do povo e da realização de uma nova sociedade, deixa Francisca intocada do ponto de vista sexual, apesar do seu amor por ela.

Ramiro – Sonja: a paixão de Ramiro por Sonja, a quem ele subordina toda a sua própria ação política, sendo ela também o motivo de ele organizar a expedição ao centro do Brasil, na esperança de reencontrá-la nessa experiência.

Sonja – Anta: Sonja que, por ocasião da festa do Quarup, se afasta de Ramiro e desse modo também do mundo civilizado, e que desaparece, com o índio Anta, nas florestas sem fim de um Brasil autêntico (sobre isso, veja-se também o nome “Anta” e a referência ao manifesto do movimento vanguardista brasileiro “Verde-Amarelismo”; ver também Alma, no romance *Máira*, de Darcy Ribeiro).

A relação de Nando e Francisca, dentre todos os pares do romance, é a que passa pelas transformações afetivas mais profundas. Nas representações do juízo final, na cripta do mosteiro, que são descritas logo no início, encontram-se monges franciscanos. São indícios de que se trata também de um mosteiro franciscano e que Nando pertence a esta ordem. No início, ambos, Nando e Francisca, são devotos da mística Santa Teresa. Francisca copia representações da Santa, encontradas nos azulejos no claustro do mosteiro. No texto são citados versos da Santa mística espanhola, como se eles fossem um monólogo interior de Nando: “*Vivo sin vivir en mí,/ y de tal manera espero,/ que muero porque no muero*”.<sup>36</sup>

A identificação entre Nando e Francisca (a devoção de ambos à Santa; o nome da ordem se repete no nome da jovem) é retomada com a relação amorosa entre eles durante a expedição, em um novo patamar, agora de ordem sensual. Os versos de Dante, oferecidos a Beatriz<sup>37</sup> (pp. 283-4), estão dedicados a seu modelo real e histórico, a Francesca de Rimini. Dessa forma se repete entre Nando e Francisca a história de Francesca e Paolo que, por sua vez, se identificam com Lancelot e Genebra.

---

<sup>36</sup> *Id., ib.*, p. 45.

<sup>37</sup> *Id., ib.*, pp. 283-4.

No entanto, o leitor se pergunta acerca do tipo de “adultério” de que se trata no caso do amor entre Nando e Francisca, já que ambos são solteiros. Trata-se da quebra simbólica da fidelidade — em todo caso, Francisca vai senti-lo assim — em relação ao Levindo dela, o qual foi assassinado na luta política pelo povo oprimido. A possibilidade do amor individual correspondido surge como uma traição em relação à luta política necessária. O fato de Nando se libertar da paixão por Francisca é, por isso, a pressuposição para a sua dedicação à luta armada.

Explicar conflitos históricos e sociais como contradição entre o desejo sexual individualizado e a ordem social e cultural, à qual todos estão presos, isso também se repete em outros contextos. O romance tem seu início no mundo do mosteiro. Ao se proceder a trabalhos arqueológicos nas abóbadas, descobre-se um corredor subterrâneo que levava ao mosteiro das freiras, localizado nas cercanias. Tais corredores naturalmente podem ser explicados como parte de uma rede oculta, através da qual os mosteiros trocavam informações ou, em momentos de perigo, poderiam vir a se ajudar mutuamente. De toda forma, essa explicação cai por terra diante do achado de ossos de recém-nascidos nos corredores! No trânsito entre os mosteiros, crianças aparentemente não só nasceram, mas também foram mortas.

Sujeito a tentações sexuais também está o confrade de Nando, Hosana. Seu comportamento em geral sensual para com a sua prima é proibido pelo abade e violentamente interrompido com a consequência de que Hosana, em um ataque de fúria, acaba por assassiná-lo. Energias sexuais e os afetos atrelados a elas, enquanto energias da criação, enquanto forças sociais construtivas, mas também enquanto energias da agressão e da destruição, isso era uma lição que a geração da década de 1960 tinha aprendido primeiro de Freud, e depois também de W. Reich e H. Marcuse (*Eros e civilização*). Essas energias não obedecem a um esquema mecânico de causa-e-efeito, mas antes abrem para si seus percursos em redes rizomáticas, segundo o modelo proposto por Deleuze e Guattari.

Não só a vida monástica está exposta às tensões sexuais, mas igualmente as relações de dominação social no Nordeste brasileiro são encenadas no romance pela arbitrariedade de abusos sexuais e por estupro. Por ocasião da visita ao Engenho Nossa Senhora do Ó, Lázaro Neguinho fala sobre o estupro de sua filha Maria do Egito pelo capataz Belmiro e a recusa do fazendeiro em responsabilizar o seu empregado pelo delito. O pai está decidido a matar a sua filha, caso ela tenha ficado grávida.

Ao final do romance, delineia-se, como solução, a esperança no ato revolucionário em nome do povo e a partir do povo. Trata-se de uma solução que, somente alguns poucos anos mais tarde, vai sofrer uma dupla crítica. Ou — como mostrado na discussão da cena chave do filme *Terra em transe* — ela vai ser questionada por meio da descrença do intelectual no

povo enquanto sujeito revolucionário, ou — como descrito por Fernando Gabeira na obra *O que é isso, companheiro?* — grupos políticos radicais vão reivindicar para si o papel do sujeito revolucionário, para agir no lugar de um povo, que não mais é reconhecido por esses grupos como “povo”.

De certo, *Quarup* é o romance mais impressionante que, em meados da década de 1960, ainda mantém a crença de que seria possível uma experiência política, em que potenciais com origens tão distintas, como as expectativas messiânicas (o milenarismo de Padre Vieira), o misticismo (a devoção a Santa Teresa), a história das reduções indígenas dos jesuítas, os sindicatos de trabalhadores rurais e a revolução sexual da época, pudessem ser transformadas em uma força que possibilitasse a transformação de toda a sociedade, na qual os intelectuais e o “povo” se tornariam juntos em um único sujeito revolucionário.

A convicção de que não deveria haver contradição entre a realização da felicidade individual e a reivindicação coletiva por igualdade, justiça e bem-estar é a energia utópica desses anos. Contudo, de maneira muito rápida e no curso de alguns poucos anos, tal energia utópica, em sua confrontação com os sujeitos reais da história e as suas reações prenes de afetos (a confiança ilusória nas forças transformadoras contra os medos da mudança e da perda, mas também a solidariedade espontânea e os movimentos massivos contra o ódio e a ira, em contraposição) vai se reverter em incerteza e resignação. Com o seu romance seguinte, *Bar Don Juan* (1971), lançado quatro anos mais tarde, Antonio Callado vai abrir o próximo capítulo da resistência contra a ditadura militar: a malograda luta armada no interior do país (no Mato Grosso do Sul) e a reflexão sobre esse fracasso.

**Horst Rolf Nitschack** é professor do Centro de Estudos Culturais Latino-americanos (CECLA) e do Departamento de Literatura na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Chile. Ele recebeu seu doutorado na Universidade de Freiburg, Alemanha, com uma tese sobre os escritos estéticos de Kant e Schiller. Lecionou como professor e professor visitante em universidades da Alemanha, França, EUA, Brasil, México, Costa Rica, Colômbia, Peru e Chile. Tem numerosos artigos e capítulos sobre cultura comparativa e literatura latino-americana em revistas e livros. Última publicação de livro: *IncurSIONES en la literatura brasileña: De la colonia a la marginalidad* (2018). Contato: [hnitschack@u.uchile.cl](mailto:hnitschack@u.uchile.cl)